

Profetas de Aleijadinho: preservação, ameaça, identidade e remoção de um patrimônio bicentenário

Aleijadinho's prophets: preservation, threat, identity and removal of a bicentennial heritage

Amanda Fátima Almeida Paulo da Silva*
Miriam Andréa de Oliveira**

Resumo: Os Profetas de Aleijadinho formam um conjunto de esculturas que são reconhecidas como uma obra-prima do barroco brasileiro. A discussão sobre a preservação das estátuas não é recente. Os processos de degradação e ameaças, como exposição ao tempo, poeira de minério e, principalmente, vandalismo são pontos recorrentes em estudos e debates. Os problemas com a preservação reacendem e aumentam a discussão entre os que veem na remoção das estátuas para um museu a melhor opção para sua salvaguarda e aqueles que não aceitam esta ideia.

Palavras-chave: Profetas de Aleijadinho. Preservação. Ameaça. Remoção.

Abstract: The Prophets of Aleijadinho form a set of sculptures that are recognized as a masterpiece of Brazilian Baroque. The discussion about the preservation of the statues is not recent. The processes of degradation and threats, such as exposure to the weather, ore dust and, mainly, vandalism are recurrent points in studies and debates. The problems with preservation rekindle and increase the debate between those who see the removal of statues for a museum as the best option for their safeguard and those who do not accept this idea.

Key-words: Prophets of Aleijadinho. Preservation. Threat. Removal.

Introdução

Este artigo tem por objetivo trazer uma perspectiva no que tange o estado de preservação e conservação das esculturas que representam profetas bíblicos realizadas pelo Mestre Aleijadinho bem como manter a discussão a respeito da remoção ou não destas para um museu. O tema é complexo pois envolve não apenas um patrimônio reconhecido dentro e fora do Brasil mas também um símbolo identitário.

Antônio Francisco Lisboa (1738 – 18 de novembro de 1814), o Mestre Aleijadinho, nasceu na cidade de Ouro Preto (MG) e foi um importante escultor, entalhador e arquiteto do período colonial brasileiro, responsável pelas esculturas, pelas obras das seis capelas dos Passos da Paixão e os projetos de arquitetura e ornamentação da igreja no Santuário de Bom Jesus do Matosinhos (MG.GOV, 2019). O

*Mestrado em Oceanografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e graduanda em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: almeida.amandaf@gmail.com

**Mestrado em Belas Artes e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: oliveira.atelier@hotmail.com

Santuário do Bom Jesus do Matosinhos é um conjunto arquitetônico e paisagístico localizado na cidade de Congonhas (MG) que começou a ser construído na segunda metade do século XVIII. O local abriga um dos mais completos grupos de imagens sacras do mundo, estátuas e esculturas esculpidas pelo Mestre Aleijadinho e são consideradas por muitos sua obra-prima.

Não faltam documentos e estudos que tratam da beleza e da importância do local nas mais diversas instâncias, sejam estéticas, paisagísticas, turísticas, econômicas ou sociais, bem como aqueles que tratam da preservação de todo o conjunto. A preservação de um patrimônio como o Santuário perpassa, simultaneamente, por todas as instâncias citadas simultaneamente. Para comentar este trabalho, além de uma pequena parcela da literatura sobre o assunto, trazemos reportagens publicadas em meio eletrônico por compreender que estas possuem a capacidade de atingir um número muito maior de pessoas que possuem acesso à informação e a internet em qualquer lugar do mundo e podem ser consultadas pelo leitor.

Aqui serão apresentados apontamentos sobre o Santuário e seu tombamento de forma que fique explícita a relevância de sua preservação e o reconhecimento como patrimônio. O foco deste trabalho estará nos doze profetas que adornam o adro na escadaria da igreja principal por mais de duzentos anos. Discute-se os agentes biológicos, minerais e antrópicos agressores e como atacam os profetas, sustentado pelo levantamento de como o natural e o humano interferem na preservação. E, além disso, pretende-se contribuir para a discussão acerca de uma possível remoção ou não, das estátuas para um museu. Pode-se dizer que hoje toda a questão sobre a preservação passa pelo dilema da remoção.

A obra, o mestre e o reconhecimento

O Complexo do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos é um conjunto arquitetônico construído entre o final do século XVIII e início do século XIX. Todo o Complexo é muito rico em detalhes:

[...] consiste em uma igreja, com interior em estilo rococó, adro murado e escadaria externa monumental decorada com estátuas dos 12 profetas em pedra sabão, além de seis capelas dispostas lado a lado no alicerce frontal ao templo, denominadas Passos, ilustrando a Via Crucis de Jesus Cristo. Sua inspiração é fortemente relacionada a exemplares portugueses como a Igreja de Bom Jesus do Monte (Braga) e ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios (Lamego), ambos em Portugal.

As 66 esculturas de madeira policromada em tamanho natural,

abrigadas nas seis capelas que reúnem os sete grupos de Passos da Paixão de Cristo, compõem um dos mais completos grupos escultóricos de imagens sacras no mundo, sendo, sem dúvida, uma das obras-primas de Francisco Antônio Lisboa, o Aleijadinho, que deixou para a Humanidade uma obra de grande expressão e originalidade (IPHAN, 2014).

O Santuário foi tombado em 1939 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e inscrito no Livro de Tombo de Belas Artes¹ da instituição (IPHAN, 2014) e é considerado um dos Sítios do Patrimônio Mundial Cultural no Brasil pela UNESCO² desde 1985. Além do Santuário, todo o conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Congonhas foi tombado em 1941³. A respeito da motivação para a construção do santuário é dito:

Datada de 1757, a construção deveu-se a uma promessa do português Feliciano Mendes por ter sido curado de enfermidade adquirida com a lavoura da mineração. Assim, inspirado em outros dois templos religiosos de seu país - Bom Jesus do Monte, em Braga, e o de Matosinho, na cidade do Porto – o Santuário brasileiro foi custeado inicialmente por Feliciano via esmolas recolhidas nas estradas mineiras e, posteriormente, pelos administradores do espaço (IPHAN, 2014).

No Brasil o patrimônio cultural está definido no art. 216 da Constituição Federal de 1988 que define: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”. O patrimônio de natureza material pode ser podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos, ou móveis como as coleções arqueológicas, acervos e outros⁴. Já o patrimônio imaterial diz respeito aos saberes e fazeres, celebrações, expressões, mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas⁵.

O tombamento do Complexo do Santuário de Bom Jesus do Matosinhos se deu pouco tempo após a criação do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) - posteriormente IPHAN - e com uma percepção do que seria o

¹ IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Livro de Tombo das Belas Artes. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/588>> . Acesso em: 15 de abr.2020.

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, ver <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasilia/expertise/world-heritage-brazil>.

³ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Congonhas (MG). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/370/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁴ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Material. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>>. Acesso em: 10 de jun. 2020.

⁵ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Imaterial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> . Acesso em: 10 de jun. 2020.

patrimônio a ser resguardado:

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a partir de sua criação provisória, em 1936, foi a primeira instituição brasileira que, com pleno aval do Estado Nacional, **utilizou o tombamento do patrimônio edificado como recurso para determinar e proteger as evidências materiais da nação**. Aquilo que deveria vir a ser estabelecido como patrimônio brasileiro foi definido pelo primeiro diretor do instituto, Rodrigo Melo Franco de Andrade (1936-1969), e pela primeira geração de funcionários que deram suporte à sua gestão, como Mário de Andrade, Lúcio Costa, Luís Saia e Edson Mota [...] quanto a **escolha do período colonial foi central para a interpretação do patrimônio que pretendia ser a revelação da nação brasileira**. Nessa perspectiva, foi também destacada a valorização que o Iphan empreendeu da produção artística de uma personagem fundamental na sua construção discursiva, o **“Aleijadinho”, escultor mineiro, mulato, ativo entre a segunda metade do século XVIII e os primeiros anos do século XIX, figura icônica para o surgimento de uma arte “brasileira” e para a valorização da síntese racial havida na sociedade colonial e, por isso, peça-chave no imaginário resgatado para materializar diversas representações do Brasil** (URIBARREN, 2018, p.111-112, grifos nossos).

O complexo do Santuário de Bom Jesus do Matosinhos com todas as suas obras representa “não só o maior conjunto escultórico do período colonial e uma de suas grandes obras, como um dos grandes representantes atuais do patrimônio histórico e artístico nacional” (DA ÁGUEDA, 2005). “Congonhas seria, com efeito, a última obra importante na carreira no Aleijadinho, cuja atividade nos dez anos que precederam sua morte, em 1814, reduziu-se praticamente a supervisão do trabalho de seus discípulos” (OLIVEIRA, 2006, p. 58-59).

O historiador de arte francês Germain René Michel Bazin⁶ veio ao Brasil “para estudar a arte de Aleijadinho e arquitetura das igrejas coloniais”, publicando estudos sobre o escultor (FERREIRA, 2011). Bazin esteve no Brasil pela primeira vez em 1945 como “curador-delegado” para acompanhar “uma exposição sobre pintura contemporânea e arte decorativa francesa realizada no Rio de Janeiro [...] viagem na qual seria, segundo as suas palavras, “apresentado” ao barroco brasileiro” (URIBARREN, 2018, p. 117). Em agosto de 1946 Bazin volta ao Brasil e acompanhado de representantes do IPHAN viaja com destino à Belo Horizonte e “nas cidades mineiras se deslumbrou com a exuberância dessa arte [que] é a culminação de uma tradição autóctone”, após sua visita às cidades de Ouro Preto, Mariana, Sabará e Congonhas do

⁶Germain René Michel Bazin (24/09/1901 - 2/05/1990) foi um historiador de arte, curador e restaurador francês, além de conservador de pinturas do Museu do Louvre. Possuía interesse em diversos campos da arte, da museologia e da museografia, membro da *Académie des Beaux-Arts* do *Institut de France* em 1975. Ver <https://www.hacer.com.br/bazinkulterman>

Campo, Bazin identifica “o patrimônio brasileiro como “o mais rico [da América Latina]” [...]” (URIBARREN, 2018, p. 119). Esta viagem de estudos sobre a arte barroca brasileira na arquitetura e escultura, em especial as obras de Aleijadinho, resultou na publicação dos livros *L’architecture religieuse baroque au Brésil* (1956) e *Aleijadinho et la sculpture baroque au Brésil* (1963). Bazin teria observado toda uma cena teatral:

Na interpretação de Germain Bazin, determinados profetas desempenham o papel de protagonistas, subordinando a si os demais. Abdias, de braço erguido e dedo em riste apontando para o alto, teria a função de *maître* de ballet que regulamenta a cenografia geral (OLIVEIRA, 2006, p. 61).

Germain Bazin viria a ocupar um lugar fundamental para a de divulgação e validação do “barroco colonial” como expressão artística brasileira, tendo Aleijadinho como a principal figura (URIBARREN, 2018, p. 118-119). O reconhecimento, a importância e o simbolismo atribuídos ao Santuário de Bom Jesus do Matosinhos é tamanho que desperta o interesse turístico e artístico a respeito de Aleijadinho e sua grande obra. Junto a tanta admiração vem também a preocupação com o estado de conservação de todo o Santuário e, mais especificamente, sobre as estátuas dos Doze Profetas (Imagem 1) que se encontram expostos ao ar livre há mais de duzentos anos.



Imagem 1 - Em ordem Isaías, Jeremias, Baruc (Baruque), Ezequiel, Daniel, Oséias, Jonas, Joel, Amós, Naum, Abdias e Habacuc (Habacuque).

Foto: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/profetass-de-aleijadinho>

A resistente fragilidade de uma matéria

A preocupação com a preservação do conjunto dos profetas começa com a matéria escolhida para lhes dar forma. O *esteatito* ou pedra-sabão, como conhecido, ocorre no Brasil em maior escala no estado de Minas Gerais, também chamado de *pedra de talco* por conter grandes quantidades desta substância em sua constituição além de diversos outros minerais como o quartzo, magnesita, clorita e minerais acessórios com ferro. A presença de talco, clorita e carbonato conferem à pedra sabão uma baixa absorção e porosidade (COSTA, 2009, p. 108), apesar das quantidades de talco a pedra-sabão possui alta resistência às exposições e mudanças de condições atmosféricas e extremos de temperatura.

Antônio Costa (2009, p. 264) diz que, em relação às aplicações de rochas em construções que integram o patrimônio cultural do Brasil e em especial o de Minas Gerais, constata diversos sinais de alterações decorrentes de processos de decaimento e até mesmo a deterioração das rochas que compõem tais patrimônios. Algumas alterações mais comuns estão relacionadas ao próprio tempo geológico do material também chamada de alteração primária ou deutérica, já as alterações relacionadas com os processos de intemperismo⁷ são chamadas de alterações secundárias.

O mesmo autor acrescenta que existem processos de decaimento das rochas que possuem ligação com a “aptidão para alteração”, esta alterabilidade pode ser influenciada por fatores intrínsecos ou endógenos ou por fatores extrínsecos. Os primeiros estão relacionados com a composição mineralógica, textura ou estrutura das rochas, permeabilidade, absorção, porosidade, dilatação térmica e resistência à compressão, à flexão e ao desgaste ou ainda influenciados por outro conjunto de fatores relacionados “ao meio em que os monumentos ou as construções encontram-se instaladas e neste caso são ditos extrínsecos ou exógenos”. Os fatores extrínsecos são explicados na seguinte passagem:

Aqui são consideradas as influências do clima, envolvendo as variações de temperatura entre o dia e a noite, a umidade do ar, **o volume das precipitações e suas composições químicas**, bem como a presença de vapores, gases e **partículas sólidas, responsáveis pela poluição da atmosfera**. Fatores físicos envolvendo **vibrações diversas**, provocadas, seja por pancadas,

⁷ Intemperismo é a transformação e o desgaste das rochas e dos solos por meio de processos químicos, físicos e biológicos.

tráfego intenso ou até mesmo por certos concertos musicais, **podem levar ao aparecimento ou ao desenvolvimento de microfissuras**, enquanto os fatores químicos podem provocar modificações tais como, **mudanças de cor, esfoliação, arenização, desintegração granular e alveolização, por conta de oxidações, dissoluções e hidrólise** (COSTA, p.264, 2009, grifos nossos).

Importante observar que ao longo das décadas as intervenções foram e continuarão sendo necessárias para preservar o Santuário, os Profetas em particular passaram por restaurações entre 1985 e 1988 (IPHAN, 2014). Restaurações são intervenções extremas que ocorrem para reparar ou conter alterações ou deteriorações, logo é necessário procurar identificar quais os fatores e agentes danosos estão agindo, e um dos mais facilmente identificáveis é comparado a uma doença. Medeiros (2009), em uma reportagem publicada pelo jornal *online O Estadão* intitulada “*Lepra da pedra*” *corrói profetas do Aleijadinho*, explica que esta “condição” irrompe na superfície da pedra “tal qual uma catapora mortal” pelo contato com água da chuva e sol e recebe este nome por ir “decepar gradativamente as extremidades da estátua”. O autor ainda exemplifica dizendo que “Habacuc já tem o punho esquerdo destroçado. Jonas está sem os dedos da mão esquerda. Amós não tem mais os dedos da mão direita. Abdias não tem o polegar direito”.

O projeto multidisciplinar reunindo o Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC-MG), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o IPHAN e Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) denominado *Projeto Ideas* em parceria com o governo da Alemanha, objetivando o desenvolvimento de tecnologia voltada para a preservação de monumentos líticos, ocorrido entre os anos de 1991 a 1994 e de 1997 a 2000, concluiu que as estátuas “apresentavam um aumento da porosidade e a formação de microfissuras, além dos sinais de deterioração causados pela poluição atmosférica e pela ação de agentes biológicos, como fungos e líquens” (ROSÁRIO, 2015).

Tiago Guimarães (2005), em uma reportagem publicada pela Folha de São Paulo, trata do processo de limpeza e restauração nos Profetas de Aleijadinho cujo objetivo principal foi a remoção de líquens, combatido por meio da pulverização de um biocida nas estátuas. O autor acrescenta ainda:

Coordenado pelo Cetec, o estudo atual incluiu uma ultra-sonografia dos profetas, que concluiu que as pedras não estão degradadas internamente. **Os principais problemas identificados nas estátuas foram contaminação biológica, fissuras, descoloração e perda de material superficial [...]** O processo de retirada dos líquens e os efeitos sobre a estrutura dos profetas serão avaliados a cada três meses, durante um ano. A avaliação inicial mostrou que os líquens

estão secando e se descolando das pedras. Segundo o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), é a primeira vez que os profetas passam por uma intervenção dessa natureza. Há registros de restauração em 1946, 1949, 1957 e 1974, quando houve a introdução do projeto paisagístico de Burle Marx (1909-1994). **Em 1987, as esculturas estavam quase totalmente cobertas por líquens.** Houve uma limpeza com outra substância (o anti-séptico timol), mas as colonizações voltaram três anos depois. [...] O escolhido é um derivado do ácido benzóico, usado como conservante de bebidas, anti-séptico e na indústria de corantes [...] não é tóxico (GUIMARÃES, 2005, grifos nossos).

Líquens são associações simbióticas de mutualismo⁸ entre fungos (micobionte) e algas (fotobionte), enquanto os fungos protegem as algas do ressecamento as algas por sua vez fornecem compostos orgânicos aos fungos. Sobrevivem em ambientes de estresse ecológico como superfícies de rochas graças a sua capacidade de interromper a fotossíntese quando há escassez de água ou em altas temperaturas e por isso são considerados organismos pioneiros. O maior problema, para a preservação, é que líquens produzem ácidos que degradam a rocha, o chamado intemperismo, o que é muito útil para a formação do solo, porém perigoso para esculturas como os Profetas de Aleijadinho (Imagem 2).

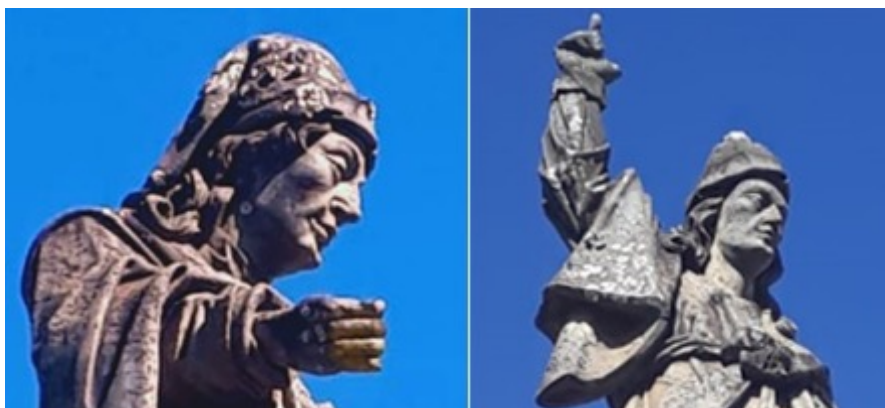


Imagem 2 - Profetas Amós e Abdias com manchas brancas de líquens. Devido a distância e o ângulo foi necessário fazer correção RGB nas fotos para melhorar a visualização do líquen. Foto de Miriam Oliveira (2020).

Por se tratar de um patrimônio de tamanha relevância, símbolo do barroco nacional, bicentenário e que se encontra exposto ao meio externo sofrendo todas as intempéries possíveis, existe uma grande preocupação entre os estudiosos, profissionais e órgãos especializados no que se refere a preservação⁹ dos Profetas.

⁸ Interação ecológica interespecífica, ou seja, é a associação obrigatória e harmoniosa entre dois organismos de diferentes espécies em que ambos são favorecidos. Relação permanente em que uma espécie depende da outra.

⁹ No livro **Conceitos-chave da Museologia** (2013, p. 79) *preservar* designa “proteger uma coisa ou um conjunto de coisas de diferentes perigos, tais como a destruição, a degradação, a dissociação ou mesmo o

Uma das medidas tomadas para auxiliar os estudos de preservação foi a digitalização, com objetivo de

[...] monitorar o **estado de conservação** das peças frente ao tempo, como também uma melhor compreensão das técnicas utilizadas pelo artista. Assim, atividades mais precisas na **preservação e restauro das obras, bem como a produção de réplicas** com grande precisão, poderão ser efetuadas (IPHAN, 2014, grifos nossos).

A partir desta digitalização tem-se a grande questão das réplicas para uma possível remoção e salvaguarda das estátuas originais tendo-as como peças de segurança, um grande dilema que será visto mais à frente. É preciso saber o que mais agride os Profetas para justificar a ideia da remoção.

Notícias que preocupam

A cidade de Congonhas, assim como boa parte do território do Estado de Minas Gerais, é cercada por mineradoras, que por meio de suas atividades lançam no ar poeira de minérios, microparticulados, poluentes que são transportados e depositados sobre os monumentos por agentes naturais como chuva e vento. Mas por que apontar para a mineração? A resposta está, primeiramente, na poeira de minério. Em uma busca simples é possível encontrar diversas reportagens publicadas em meios eletrônicos que ajudam a desvelar o problema com a poeira de minério.

Gustavo Werneck (15 de setembro de 2011) em uma reportagem publicada pelo Jornal Estado de Minas afirma que “[...] a prefeitura notificou [...] as empresas CSN, Namisa, Vale e Ferro+.” e que as notificações se devem a “poluição atmosférica que atingiu Congonhas em 2 de agosto, quando uma nuvem de pó de minério cobriu o céu da cidade, sujou ruas e calçadas, sufocou moradores e levou prejuízos a comerciantes.” Ainda é dito que “Os efeitos da sujeira podem ser notados nos 12 profetas [...] A pedra sabão, na tonalidade cinza escuro, está coberta de marrom [...]”. A respeito do mesmo evento, o Portal G1 (19 de outubro de 2011) divulgou matéria onde se lê que os trabalhos de limpeza das estátuas que estariam previstos para março de 2012 seria antecipado para outubro devido à nuvem de pó de minério e que “Os pesquisadores do Iphan concluíram que essa poeira da mineração ajuda a acelerar o processo de deterioração dos profetas”, e a razão desta afirmação é que

As partículas vêm batendo nas pedras, isso microscopicamente vem

roubo; essa proteção é assegurada especialmente pela reunião, o inventário, o acondicionamento, a segurança e a reparação”.

degradando as peças, vem trazendo um processo de alterar até mesmo as formas e a composição das peças”, alerta Rafael Arrelaro, técnico do Iphan em Minas Gerais.

[...] os efeitos da ação do tempo nas obras vão ser acompanhados de perto por técnicos contratados pela Unesco. As réplicas dos profetas vão servir como documento.

“Traz todos os detalhes do original, todas as calosidades e todo o desgaste natural da pedra. Tudo dá para se estudar através das réplicas”, declarou Luciomar de Jesus, membro do conselho do patrimônio de Congonhas (PORTAL G1, 2011).

Em outra reportagem, também pelo Jornal Estado de Minas, Werneck (26 de novembro de 2017) volta com uma diferente problemática: a remoção. O autor diz que “As agressões ao acervo do Santuário Bom Jesus de Matosinhos [...] reconhecido como patrimônio cultural da humanidade pela Unesco, servem para ampliar as discussões sobre a necessidade ou não de remoção das estátuas dos profetas [...]” e retoma o assunto já mencionado das réplicas na passagem:

O escaneamento digital feito em 2011 e 2012 permitiu o registro completo das esculturas, a exemplo das perdas na pedra-sabão e marcas deixadas por vândalos [...]. Num seminário internacional realizado recentemente, os especialistas revelaram que o biocida usado na década de 1990 para limpar as esculturas e evitar lesões e ataque principalmente de líquens tem contraindicações, por ser corrosivo. Com preocupação, o diretor diz que os líquens voltaram à superfície das peças [...]. (WERNECK, 2017).

Esta última nos apresenta duas evidências incontestáveis: (1) o avanço de pesquisas nos ajudam a identificar que o que era certo no passado pode não ser o mais aconselhável no momento atual como apontado no trecho “[...] especialistas revelaram que o biocida usado na década de 1990 [...] tem contraindicações, por ser corrosivo [...]” e (2) quando é dito que “As agressões ao acervo [...] servem para ampliar as discussões sobre a necessidade ou não de remoção das estátuas dos profeta [...]”. Abrem-se as portas para um terreno ainda mais acidentado que é a retirada das estátuas de seus locais originais, onde estão expostas à céu aberto, para um ambiente de guarda, no caso um museu. Existem inúmeros fatores por trás desta questão que não pode ser resumida apenas na opção remover ou não remover. Esta discussão perpassa, principalmente, pelos processos identitários que serão discutidos à frente.

Histórico de agressões

Eros Orosco (1941), em uma publicação da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, após uma série de análises e observações *in situ*, solicitada pelo SPHAN, explicita em relatório que foram observadas algumas das causas

da deterioração do conjunto dos Profetas, dentre elas, principalmente, o abandono e o vandalismo.

Foi sobretudo o abandono em que jazeram as obras em pedra sabão do tempo da colônia o maior responsável por sua mutilação *por mãos humanas*: Lá estão, para só citar exemplos de mais típico vandalismo os dedos decepados do profeta Jonas, a língua do mesmo profeta, que de dentro da boca, imaginamos, somente um requintado torturador medieval iria arrancar. Falta parte do pé a Osée; quebrou-se o canto da cornija da coluna que sustenta Daniel; o painel seguro por Ezequiel foi destruído evidentemente a golpes, e sua mão direita, com o punho, deve ter sido vítima de um “*shake-hands*” brutal; Habacuc não tem mais a ponta do pé, e todo o antebraço direito; sobre o manto e a base da coluna de Jeremias há profundas inscrições em caracteres árabes, evidentemente não gravadas pelo Aleijadinho (OROSCO, 1941, p. 179-180, destaque do autor).

Durante a leitura do artigo de Orosco e observando as imagens apresentadas, é possível identificar a presença da chamada “lepra da pedra” (Imagem 3) nas fotografias da época. Essa condição talvez pudesse ser o indicativo de contaminação biológica por líquens considerando que esses organismos atuam na degradação da pedra por vezes citada e justificada pela presença de “manchas pardo-avermelhadas, em cavidades muito rasas [...] O material aí é pulverulento” (OROSCO, 1941, p. 187). A pulverulência encontrada vem, conforme descrito, do processo de degradação da pedra-sabão lembrando que há ferro em sua composição que com desgaste e oxidação resulta em um pó como uma ferrugem.

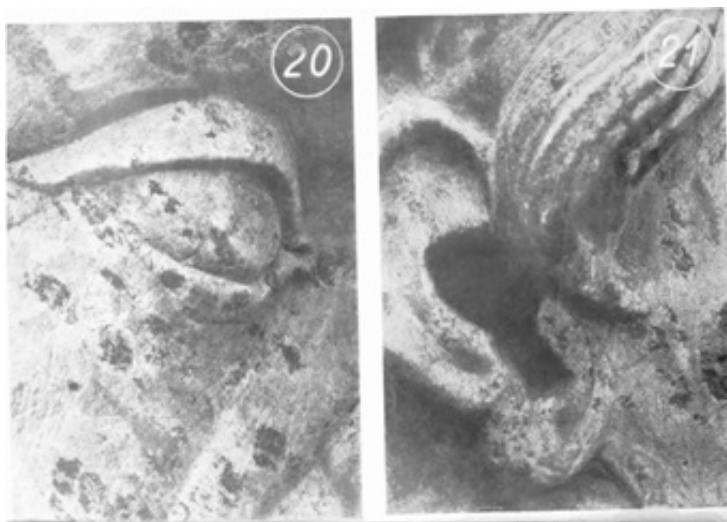


Imagem 3 – Detalhe de cabeça de um dos profetas reproduzido por OROSCO, em que “manchas pardo-avermelhadas” são atribuídas à lepra da pedra.

Foto: Retirada de Orosco (1941, p. 186)

Outra causa apontada pelo desgaste da pedra-sabão seria o excesso de limpezas mal executadas ocasionando a perda de material superficial onde se observou

repetidos usos de material fortemente abrasivo contra a rocha, como escovas de aço e a remoção da pátina que deveria ser preservada, pois, auxilia na preservação. Importante observar que este relatório de 1941 refere-se de um laudo técnico com estudos laboratoriais sobre as causas da deterioração da matéria das esculturas que levanta um olhar histórico sobre o problema.

Em certos casos o vandalismo é tão visível que praticamente chega a esconder um roubo, pois aparentemente o profeta Amós possuía um cajado (Imagem 4). Werneck (23 de outubro de 2013) no Jornal Estado de Minas apresenta uma fotografia descoberta em 1980 mas que até então não havia sido divulgada na qual o profeta Amós está retratado com um cajado.

O Ministério Público de Minas Gerais, que faz um levantamento sobre furtos históricos, investiga o sumiço da peça.

[...]

Uma fotografia tirada possivelmente entre 1920 e 1930, portanto anterior ao tombamento do acervo pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), datado de 1938, mostra Amós com um cajado. Pesquisador do tema e diretor de Patrimônio da Prefeitura de Congonhas, o escultor Luciomar Sebastião de Jesus conta que a peça desaparecida há décadas deveria ser de ferro. “O apoio que aparece no retrato é de madeira. Um fotógrafo e pesquisador, certamente sabendo da história, substituiu o original, feito por Aleijadinho, e registrou a cena”, afirma Luciomar, apontando, na base da escultura de pedra-sabão, o orifício para encaixe do cajado de pastor. “A figura é inspirada nos pastores de Norte de Portugal, que Aleijadinho teria visto nos missais italianos com gravuras (livro com iluminuras) da Idade Média.

[...]

Atento a cada detalhe dos 12 profetas, que estuda há anos, Luciomar indica os dedos quebrados da mão direita de Amós (...) “Os dedos estão danificados. Pode ser que tenham ficado assim ao retirarem o cajado de ferro. Acredito até que isso tenha ocorrido poucos anos depois de os profetas serem colocados no adro. Na época, era permitido subir nos muros e não havia segurança”, diz Luciomar, explicando que as alterações não têm relação com a polêmica degradação das obras devido a poluição ou ataque de líquens, fungos e outros microorganismos. “Foi resultado de vandalismo”, acredita (WERNECK, 2013).



Imagem 4 - Foto do profeta Amós segurando um cajado.

Foto: Prefeitura de Congonhas/Divulgação. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/10/29/interna_gerais.464817/pesquisadores-e-mp-investigam-paradeiro-de-cajado-de-profeta-em-congonhas.shtml>.

Em junho deste ano, apesar da atual situação de pandemia¹⁰, fizemos breves registros dos profetas Isaías e Jeremias em frente ao Santuário, onde foi possível observar parcialmente alguns dos ataques de microrganismos, vandalismo e deterioração já discutidos.

No primeiro mosaico (Imagem 5) é possível perceber uma camada de poeira, de coloração pardo-avermelhada semelhante à descrita por Orosco em 1941. Pode-se verificar, também, uma série de outros agravos ao patrimônio e intervenções, como o reparo feito na base da escultura do profeta, inscrições sem presença de pátina indicando serem recentes, partes fissuradas e quebradas e a presença de líquen. O último mosaico (Imagem 6) apresenta alguns detalhes do profeta Jeremias, também coberto por pó pardo-avermelhado, e nele se identifica a intervenção realizada na perna da obra, avarias em sua base e o seu pergaminho está quebrado e também possui inscrições sem presença de pátina.

¹⁰ Durante a flexibilização da quarentena pela pandemia da COVID-19, houve uma curta oportunidade de passar em frente ao Santuário. Não sendo possível adentrar, foi feito o registro das estátuas dos dois profetas que estão ladeando o portão principal.



Imagem 5 – Mosaico com imagens do profeta Isaías e suas avarias.
Foto de Miram Oliveira (2020).



Imagem 6 – Mosaico com imagem do profeta Jeremias e suas avarias.
Foto de Miriam Oliveira (2020)

Por fim, entre agressões e ameaças, vale destacar as atividades geológicas além da mineração. Podemos tratar como um acréscimo às “vibrações diversas” apontadas anteriormente por Costa (2009). Torna-se necessário esclarecer que, existem de fato tremores de terra de pequena magnitude, no Brasil. Na cidade de Congonhas esses

tremores não são novidade. O que torna a situação preocupante são, novamente, as atividades de mineração próximas, especialmente uma barragem de rejeitos conhecida como Casa de Pedra (Imagem 7), vizinha da cidade. Em uma nota de esclarecimento sobre a barragem publicada no dia 29 de janeiro de 2019, sobre a barragem a Prefeitura de Congonhas torna públicas informações de interesse da comunidade:

A Barragem Casa de Pedra é considerada **uma das maiores barragens de mineração localizada em área urbana no mundo**, possuindo atualmente um maciço com aproximadamente 76 metros de altura, com capacidade de acumular cerca de 50 milhões de metros cúbicos de rejeito segundo a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD), **sendo classificada como Classe 6, a mais alta em categoria de risco e de dano potencial associados** (PREFEITURA DE CONGONHAS, 2019, grifos nossos).

No período de publicação desta nota, havia, como informa Lima (29 de janeiro de 2019) no Jornal Estado de Minas, inúmeras reportagens que apontavam para riscos de rompimento da barragem por problemas estruturais assim como ocorreu em Brumadinho quatro dias antes, e que a segurança dos moradores de Congonhas poderia estar ameaçada. Em março uma nova reportagem traz como manchete que imagens de satélites haviam indicado rachadura na estrutura da Casa de Pedra, sendo essa barragem cinco vezes maior que a Córrego do Feijão em Brumadinho, e um processo de erosão em seu perímetro já podia ser visto em 2011 (OLIVEIRA, 2019). No dia 30 de janeiro de 2019 a Prefeitura de Congonhas informou que a CSN iniciaria o processo de desativação da Casa de Pedra¹¹ (NASCIMENTO, 2019).

O Observatório Sismológico da Universidade de Brasília (UnB) registrou ao longo do ano de 2019 um total de 43 tremores de terra na região de Congonhas, sendo o mais forte registrado no dia 25 de novembro com 3.2 na Escala Richter. O evento despertou a preocupação da Agência Nacional de Mineração (ANM) devido às 24 barragens em operação na região, sendo nove destas entre Congonhas e Ouro Preto que poderiam ter sua segurança comprometida, dentre elas a Casa de Pedra (G1, 2019).

¹¹ Não encontramos informações se este processo já estaria vigor.



Imagem 7 - Mapa com destaque para o perímetro da barragem Casa de Pedra. A marcação em amarelo é o ponto onde foi observada erosão no perímetro em 2011.

Fonte: Google Maps em 25 de abril de 2020.

Uma questão de identidade

Como visto até aqui, as agressões sofridas pelos Profetas do Mestre Aleijadinho servem, sem dúvida alguma, para ampliar a discussão sobre a necessidade de sua transferência para um museu (ou quiçá outra instituição de guarda). Entretanto é necessária cautela quanto ao assunto devido a sua complexidade. Na última reportagem, o então diretor do Museu de Congonhas, Sérgio R. Reis¹², comenta sobre o preocupante estado de conservação das estátuas e reforça as importâncias das digitalizações já realizadas que permitiram um registro detalhado do conjunto. É explicado que

Para quem estranha ver os originais bicentenários ao ar livre e **as réplicas em museu**, Sérgio esclarece que as segundas **guardam informações e conhecimento, sendo, na verdade, peças de segurança**. No caso de algum dano às esculturas saídas do gênio de Aleijadinho – há recibos assinados por ele no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana –, os restauradores podem recorrer tanto ao material digital, que guarda minúcias das 12 esculturas, quanto às feitas “à imagem e semelhança” dos originais (WERNECK, 2017, grifos nossos).

De fato, por serem “peças de segurança” e portadoras de informação - principalmente de uma informação que está sendo perdida - é totalmente plausível a guarda destas em local seguro bem como de todo o material oriundo das digitalizações o que facilitará as previsíveis restaurações futuras. Entretanto, para muitos – turistas,

¹² Sérgio R. Reis, em 2015, era o presidente da Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo de Congonhas e também o responsável pela administração do Museu de Congonhas quando inaugurado no mesmo ano. Até o presente momento ele é identificado como diretor do Museu.

visitantes e especialistas - a solução mais prática seria a imediata remoção das estátuas para o museu certamente, porém existe uma resistência por parte da comunidade.

Maria da Águeda (2005, p.58) diz que no ano de 2003 técnicos do IPHAN, restauradores do Centro de Conservação e Restauro (CECOR), o prefeito Gualter Monteiro (1983 a 1988, 1993 a 1996 e 2001 a 2004) e outras autoridades, acompanharam o então Ministro da Cultura Gilberto Gil (2003 a 2008) - todos entusiastas pela remoção como meio de preservação - em uma visita no local para verificarem o estado de conservação dos profetas; a ideia central era remover as estátuas para um museu que seria construído ao lado da igreja – hoje o Museu de Congonhas -, esta possibilidade provocou divergências de opiniões e gerou inseguranças nos moradores. No momento foi divulgado que no local haveria um espaço para abrigar os Profetas originais. A autora ainda relata que “Os guias locais e demais moradores não puderam emitir opiniões e sentem-se excluídos das discussões sobre o destino dos Profetas” (DA ÁGUEDA, 2005, p. 59).

Medeiros (2009) comenta que “se propôs que fossem colocadas réplicas em seus lugares [...] mas a população de Congonhas rejeitou terminantemente essa sugestão”. Neste ponto percebemos que o entendimento de proteção e pertencimento são múltiplos, e o interesse da comunidade que também deve ser considerado.

A relação de identidade entre o patrimônio e a comunidade de Congonhas é extremamente forte. Nesse contexto, o patrimônio passa a ser propagador de uma identidade nacional, determinando-se como um elemento estruturador coberto por referências simbólicas, as quais se tornam heranças culturais e são acolhidas por diversos grupos sociais [...]. **A comunidade não aceita que os profetas sejam retirados do local onde sempre estiveram e lutam contra a intervenção. Os habitantes de Congonhas entendem que tal medida é uma forma de proteção ao patrimônio, mas a relação com as esculturas de Aleijadinho é tamanha que a população tem receio de perder essa “conexão” e o contato diário, mesmo que visual, com os profetas** (ROSÁRIO, p. 28 e 30, 2015, grifos nossos).

Da Águeda também expõe a questão do reconhecimento identitário entre a população e a obra na seguinte passagem:

O tombamento do patrimônio artístico e histórico de Congonhas, materializado no conjunto de esculturas produzido por Aleijadinho, provocou mudanças no espaço físico da cidade e se configurou, ao longo dos séculos, como um vínculo identitário forte, um elo de ligação com a vida coletiva e social. As memórias foram construídas, formatadas e articuladas a partir da valorização das obras do mestre do barroco colonial e incorporadas à vivência dos moradores (DA ÁGUEDA, 2005, p.22).

A autora ainda expõe sobre as diferentes representações sobre o espaço e de como o ambiente é percebido psicologicamente por um indivíduo ou grupo:

Diferentes grupos constituem diferentes representações sobre o espaço social, territorial e simbólico. Citando Auguste Comte, Halbwachs (1990:131) percebe que o equilíbrio mental e psicológico de um indivíduo ou de grupo depende diretamente do sentido de estabilidade e de permanência dos objetos materiais que os cercam no espaço, gerando, dessa forma, uma sensação de ordem e de tranquilidade psíquica. *Auguste Comte observou que o equilíbrio mental decorre em boa parte e, primeiro, pelo fato que os objetos materiais com os quais estamos em contato diário mudam pouco, e nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade.* (DA ÁGUEDA, 2005, p. 23, grifos da autora).

A passagem acima é explicada na seguinte frase da autora sobre os moradores da região (p. 51): “aquelas pessoas estão acostumadas com aquela paisagem. Mesmo reconhecendo seu valor como patrimônio, existe uma relação de proximidade, de apropriação, de uso e de costume muito peculiar”.

Este último ponto é de extrema complexidade mas sua relevância é enorme. Por mais de dois séculos a população de Congonhas se vê representada por meio dos Profetas, as pessoas se reconhecem naquelas estátuas e em tudo que as cerca e representam para a cidade. Este símbolo carrega a maestria de um artista da região e faz com que todos - artista, obra e comunidade - sejam conterrâneos. “O impacto da retirada dos Profetas implicará num tempo de mudanças, impulsionado pelos poderes institucionais, onde estarão contidos conflitos, reconstrução de identidades e de memórias.” (DA ÁGUEDA, 2005, p. 11).

Não podemos deixar de contemplar o fator comercial, a economia tem forte impacto na vida social e cultural de uma comunidade e em Congonhas não seria diferente, os Profetas permeiam as questões econômicas e, provavelmente, também vem desta a negativa pela remoção. A respeito da ligação entre o comércio e as estátuas, Da Águeda explica e exemplifica:

A cidade estabeleceu um vínculo identitário forte com essas obras. Logo na entrada da cidade esse referencial já é indicado, pois uma réplica de um dos Profetas foi colocada junto com a típica frase: Bem-vindos a Congonhas do Campo. A cidade passou a investir no turismo cultural. Para atender essa demanda, fez-se necessárias mudanças no espaço urbano. No entorno dos Passos até a Igreja, foram instaladas lojas de souvenir. Todo um comércio oferece aos visitantes inúmeros produtos como pequenas réplicas das imagens, postais, camisetas e tantos outros objetos representativos para atender os diferentes grupos que procuram o Santuário. Ao lado da Igreja, foi construído o Hotel Colonial, na década de 1940 e também o restaurante Cova de Daniel, clara alusão ao patrimônio produzido pelo mestre Aleijadinho, que

também dá nome a uma das principais ruas do Santuário. Por toda parte o vínculo identitário entre cidade e patrimônio é muito forte (DA ÁGUEDA, 2005, p.9).

A Carta de Veneza

A Carta de Veneza¹³ de maio de 1964, foi elaborada em decorrência do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, sendo um dos documentos base do ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - e UNESCO, regulamenta e traz definições e diretrizes quanto a conservação e restauração de monumentos e sítios históricos. Importa salientar alguns de seus artigos:

Art.1 - O conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetônicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. **Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo.**

[...]

Art.3 - A conservação e o restauro dos monumentos têm como objetivo **salvaguardar tanto a obra de arte como as respectivas evidências históricas.**

[...]

Art.7 - Um monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que está inserido. A remoção do todo ou de parte do monumento não deve ser permitida, **exceto quando tal seja exigido para a conservação** desse monumento ou por razões de grande interesse nacional ou internacional.

Art.8 - Os elementos de escultura, pintura ou decoração que façam parte integrante de um monumento **apenas poderão ser removidos se essa for a única forma de garantir a sua preservação.**

Em uma leitura simplificada desse documento não apenas conta-se com certos conceitos importantes como também acrescenta condições para o impasse aqui apresentado: remover ou não os Profetas? É possível entender que as estátuas do Mestre Aleijadinho que estão expostas ao meio e sofrendo com as intempéries e agressões podem ser retiradas de seus postos originais e levadas para um museu desde que este seja o último meio para sua preservação como frisa o art. 8 em “[...] apenas poderão ser removidos se essa for a única forma de garantir a sua preservação”. Ou seja, para removê-las é preciso todo um consenso de que todas as opções já tenham sido tomadas, não restando outra alternativa.

¹³IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cartas Patrimoniais / Carta de Veneza. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em 15 de abr. 2020.

Considerações finais

A genialidade de Aleijadinho e a grandeza de sua obra são incontestáveis e constituem um valioso legado para a história da arte brasileira sendo impossível negar a importância de suas obras para caracterização do barroco nacional. A matéria-prima escolhida foi a pedra-sabão devido a abundância na região e pelo fácil manuseio, fatores que trazem uma originalidade territorial ainda maior ao escultor mineiro. Por outro lado, a fragilidade desta matéria torna as estátuas susceptíveis aos mais diversos agentes danosos.

Os fatores responsáveis pelos danos às estátuas são previamente conhecidos: sol, chuva, vento, particulados suspensos no ar em geral (fatores ambientais e climáticos); líquens e fungos (fatores biológicos); tremores de terra e natureza da composição da rocha (fatores geológicos naturais); atividades mineradoras, mas principalmente o abandono e o vandalismo (fatores antrópicos).

É interessante observar que enquanto em 1941 o abandono e as mutilações - ainda do período colonial - foram determinados como as principais fontes de degradação, hoje percebemos que a lista de fatores agressores se ampliou, embora as atividades antrópicas permaneçam no topo da lista. Devemos ter em mente que toda deterioração constitui uma perda de informação. Mesmo que uma digitalização já tenha sido feita e que se possuam réplicas, as originais estão sendo atacadas e lentamente perdidas diariamente. Ações de restauro e limpeza serão cada vez mais necessárias e a cada momento com custos possivelmente maiores pois problemas diferentes surgirão. Restauros e limpezas também podem ocasionar problemas e exemplo disso é compreendido quando dito que o biocida utilizado na década de 90 era corrosivo. Em nenhum momento podemos esquecer que os Profetas foram esculpidos em uma rocha de baixa dureza em que é possível fazer marcas com as unhas.

Todos os pontos aqui apresentados reacendem ciclicamente a discussão a respeito da remoção das estátuas para o Museu, essa ideia representa a mais prática, e provavelmente a melhor alternativa para salvaguardá-las, entretanto, não é possível simplesmente ignorar todo o fator social, o reconhecimento e identificação da comunidade que age pela sua representatividade. A partir do exposto tem-se o impasse expresso em duas perguntas que ficam sem respostas talvez por não haver uma resposta factual: (1) Até onde vai o posicionamento e tomada de decisão dos órgãos especializados no que diz respeito à salvaguarda de um patrimônio?; e (2) Como salvaguardar sem interferir na identidade e representatividade da comunidade diretamente envolvida?

A separação entre patrimônio material e imaterial deve existir somente para facilitar os meios administrativos e de execução do IPHAN com a preservação, o patrimônio é formado por um conjunto de fatores que abarcam o material e o imaterial simultaneamente onde um é o produto do outro. Podem ser modificados e/ou reinterpretados e o mesmo patrimônio pode ter significados diferentes ao mesmo tempo dependendo do grupo que o observa e nenhum estaria incorreto. Toda a imaterialidade é representada por meio de uma materialidade, bem como toda materialidade resulta de experimentações e concepções imateriais. Vejamos isso como a dupla potência constitutiva do patrimônio, uma para ser vista/tocada/admirada e outra para ser sentida/refletida e extrapolada. José R. S. Gonçalves (2005, p. 21), ao falar do uso analítico da categoria “patrimônio”, diz que esta “[...] se trata de uma categoria ambígua e que na verdade transita entre o material e o imaterial, reunindo em si as duas dimensões”.

Talvez aos que visitam o Santuário pode parecer muito óbvio que a remoção das estátuas para o Museu de Congonhas seja a melhor resposta, nossa identidade não é afetada, não nos reconhecemos naquele horizonte, logo remover é preciso. Mas para a comunidade de Congonhas este cenário possa ser um absurdo. Poderíamos, nesse ponto, traçar uma analogia com a hipotética situação em que especialistas propusessem aos cariocas a necessária remoção do Cristo Redentor para sua preservação, possivelmente com grande margem de acerto, soaria como absurdo para os cariocas, pelo fato de que a tão famosa estátua integra o cartão de visitas da cidade do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil, bem como a própria identidade do carioca.

Seguramente todos os processos de preservação aplicados sobre os Profetas ao longo dos anos teve como objetivo, exclusivamente, a preservação das obras, e, igualmente, a preservação da informação que carregam consigo. Porém, o passar das décadas têm evidenciado que mais ações são e serão cada vez mais necessárias, fator que expõe, sem dúvida, o momento em que a única solução será fatalmente a remoção. Mas, como identificar este momento? Existe um “limite” que o definirá? Quem poderá declarar que *chegou a hora*? Um representante do governo? O IPHAN? A comunidade de Congonhas? Talvez esse momento já esteja presente e, por isso, o impasse persista.

A questão aqui não é a semelhança por mais fidedignas que sejam as réplicas – ao que tudo indica, nunca foi o ponto fulcral, uma vez que não seriam esculpidas por um dos seus, no sentido de originários de Congonhas. As estátuas são, também, memórias. Parece inevitável o dia em que os profetas descerão de seus postos, deixarão de contemplar o horizonte para qual foram especialmente feitos e já não serão

mais vistos das janelas e ruas pelos seus contêrreos e réplicas serão postas no lugar. A questão é: será um meio para se evitar a perda de todas, ou melhor seria guardar em museu aquelas que sobrarem?

Referências

BRASIL. [Art. 216 da *Constituição (1988)*]. *Constituição da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF: Senado Federal, 05 de out., 1988. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso 27 de mai., 2020.

COSTA, A. G. *Rochas e Histórias do Patrimônio Cultural do Brasil e de Minas Gerais*. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009

DA ÁGUEDA, M. N. L. B. Memórias e Identidades em Mudanças: A Substituição Dos Profetas De Aleijadinho por Réplicas em Congonhas. 2005. 93 f Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) - *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss180.pdf>>. Acesso em 27 de mai., 2020.

GONCALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15-36, Jan/Jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832005000100002&script=sci_arttext>. Acesso em 9 de set., 2020.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Aleijadinho e o Santuário patrimônio da humanidade. *IPHAN / Assessoria de Comunicação*. Publicado em 20 de nov., 2014. Disponível em : <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/113>>. Acesso em 26 de ago., 2019.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Carta de Veneza. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em 15 de abr., 2020.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Livro de Tombo das Belas Artes. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/588>> Acesso em 15 de abr., 2020.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Congonhas (MG). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/370/>>. Acesso em dez., 2019.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Imaterial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em 10 de jun., 2020.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Material. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>>. Acesso em 10 de jun., 2020.

FERREIRA, C. J. Dois historiôgrafos da arte Bazin e Kultermann. *HACR - História da Arte e da Cultura: Estudos e Reflexões*, 2011. Disponível em: <<https://www.hacer.com.br/bazinkulterman>>. Acesso em 3 de abr., 2020.

GUIMARÃES, T. Profetas de Aleijadinho passam por restauro. *Folha Online - Folha de*

São Paulo, publicado em 9 de set., 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u112889.shtml>>. Acesso 25 de abr., 2020.

LIMA, D. Barragem Casa de Pedra, em Congonhas, possui risco de rompimento. *Jornal Estado de Minas | Notícias Online*, publicada em 29 de jan., 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/29/interna_gerais,1025850/barragem-em-casa-de-pedra-em-congonhas-possui-risco-de-rompimento.shtml>. Acesso em 11 de abr., 2020.

MEDEIROS, J. “Lepra da pedra” corrói profetas do Aleijadinho. Congonhas, *O Estado de São Paulo. Site O Estadão*, 11 de set., 2009. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,lepra-de-pedra-corroi-profetas-do-aleijadinho,433076>>. Acesso em 11 de abr., 2020.

MG.GOV.BR - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Os 12 Profetas. Publicado em 6 de mai, 2019. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/turismo/os-12-profetas>>. Acesso em 3 de abr., 2020.

NASCIMENTO, P. Barragem de rejeitos em Congonhas (MG) será desativada. *R7.COM / Minas Gerais - R7*. Publicada em 30 de jan., de 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/barragem-de-rejeitos-em-congonhas-mg-sera-desativada-30012019>>. Acesso em 30 de abr., 2020.

OLIVEIRA, C. Imagens de satélites indicam rachadura em barragem da CSN em Congonhas. *Rede Brasil Atual*, publicada em 15 de mar., 2019. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2019/03/imagens-de-satelite-indicam-rachadura-em-barragem-da-csn-em-congonhas/>>. Acesso em 11 de abr., 2020.

OLIVEIRA, M. A. R. O Aleijadinho e o Santuário de Congonhas. Brasília, DF: *IPHAN / Monumenta*, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat1_AleijadinhoSantuarioCongonhas.pdf>. Acesso em 15 de abr., 2020.

OROSCO, E. As avarias nas esculturas do período colonial de Minas Gerais. In: *Revista do Serviço do Patrimônio histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 179-208. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat05.pdf>>. Acesso em 20 de abr., 2020

PORTAL G1. MG: Iphan antecipa limpeza das obras de Aleijadinho pelo excesso de poeira. *G1 Minas Gerais – Bom dia Brasil*, 19 de out., 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/10/mg-iphan-antecipa-limpeza-das-obras-de-aleijadinho-pelo-excesso-de-poeira.html>>. Acesso 13 de mar., 2020.

PORTAL G1. Mais de 40 tremores foram registrados na região de Congonhas este ano, diz UnB. *G1 Minas Gerais - G1*, 26 de nov., 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/11/26/mais-de-40-tremores-foram-registrados-na-regiao-de-congonhas-este-ano-diz-unb.ghtml>>. Acesso em 11 de abr., 2020.

PORTAL SÃO FRANCISCO. Profetas de Aleijadinho. 2020. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/profetas-de-aleijadinho>>. Acesso em 10 de abr., 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONGONHAS. Nota de Esclarecimento - Nota de esclarecimento da Prefeitura de Congonhas sobre a Barragem Casa de Pedra. *Congonhas | MG*. Publicada em 29 de jan., 2019. Disponível em: <<https://www.congonhas.mg.gov.br/index.php/nota-de-esclarecimento-da-prefeitura>>

[de-congonhas-sobre-a-barragem-casa-de-pedra/](#)>. Acesso em 14 de abr., 2020.

ROSÁRIO, R. S. Mudanças Identitárias: Análise sobre a possibilidade de substituição dos profetas de Aleijadinho por réplicas. *e-hum Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte*, vol. 8, n.º 1, Janeiro/Julho de 2015. Disponível em: <<https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/1603>>. Acesso em nov., 2019.

URIBARREN, M. Germain Bazin e o Iphan. *Revista CPC*, v. 13, n. 25 esp, p. 108-134, 21 set. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/141837>>. Acesso em 3 de abr., 2020

WERNECK, G. Congonhas aplica multas de R\$ 5,2 milhões a mineradoras que sujam a cidade. *Jornal Estado de Minas*, publicado em 15 de set., 2011. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/09/15/interna_gerais,250753/congonhas-aplica-multas-de-r-5-2-milhoes-a-mineradoras-que-sujam-a-cidade.shtml>. Acesso em 13 de mar., 2020.

WERNECK, G. Pesquisadores e MP investigam paradeiro de cajado de profeta em Congonhas. *Jornal Estado de Minas*, publicado em 23 de out., 2013. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/10/29/interna_gerais,464817/pesquisadores-e-mp-investigam-paradeiro-de-cajado-de-profeta-em-congonhas.shtml>. Acesso em 20 de jun., 2020.

WERNECK, G. Profetas de Aleijadinho sofrem com poeira de minério e ataques de vândalos. *Jornal Estado de Minas*, publicado em 26 de nov., 2017. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/11/26/interna_gerais,919632/profetas-de-aleijadinho-sofrem-com-poeira-de-minerio-e-vandalos.shtml>. Acesso em 13 de mar., 2020.

Data de recebimento: 23.06.2020

Data de aceite: 09.09.2020